

A CRÍTICA É NECESSÁRIA¹

BORIS EIKHENBAUM

A crítica hoje não existe, mas, acredito, ela logo existirá. Ele *deve* existir. Eu sinto isso ao passar pela Avenida Niévski, olhando as vitrines das livrarias, conversando com leitores, com escritores – mesmo com editores, por mais difícil que tenha se tornado falar com eles. Está absolutamente claro: o público deixou de acreditar na literatura russa e não voltará a ela enquanto não surgir uma nova crítica. Não se vive apenas do passado. Nós voltamos àquela posição da literatura que existia no final dos anos vinte do século passado, quando Púchkin discutiu com Marlínski² e, em resposta às suas palavras de que “nós temos crítica, não literatura”, escreveu-lhe: “alguma literatura temos, mas crítica não”.³

Vivemos a época do dinamismo, a época da *necessidade*. Nada permanece firme no lugar. Mesmo nosso dinheiro não pode apenas “ficar” no bolso, ele ao mesmo tempo cai e sai voando para o alto. Este é o símbolo dos nossos dias.

O escritor, hoje, não apenas escrevinha, mas busca a forma necessária. Esse *pathos* de busca tensa o aproxima do crítico. A crítica é necessária hoje não apenas ao leitor, mas ao escritor. A história lançou um enigma que deve ser resolvido por meio de esforços conjuntos.

Contudo, está claro, não precisamos agora de tipo de uma crítica que ataca ou elogia. O sistema de cinco pontos não serve aqui.⁴ Se for apenas “ruim”, não há motivo para escrever, não há por que se deixar levar por bate-bocas leves. O crítico deve ter não apenas “gosto”, mas um faro agudo para a forma necessária. Devemos sentir nele um talento especial:

EDITORES:

Regina Zilberman
Gerson Roberto Neumann

COMO CITAR:

EIKHENBAUM, Boris. A crítica é necessária. *Rev. Bra. Lit. Comp.*, Porto Alegre, v. 23, n. 42, p. 108-109, jan./abr., 2021.

1 Tradução de Priscila Nascimento Marques, partir do original russo: “Nujna kritika”, *Jizn iskusstva*, n. 4, 1924, p. 12. Todas as notas são da tradutora.

2 Aleksandr Aleksándrovitch Bestújev (1797-1837), conhecido pelo pseudônimo Marlínski, foi um escritor russo ligado ao movimento dezembrista. A frase citada por Eikhenbaum aparece no ensaio “Olhar sobre a literatura russa ao longo de 1924 e no começo de 1925” publicado na revista *Poliárnaia Zvezdá* em 1925.

3 A resposta de Aleksandr Púchkin (1799-1837) aparece em carta a Marlínski datada de fim de maio/começo de junho de 1925.

4 Referência ao sistema de notas escolar russo, segundo o qual 2 = insuficiente; 3 = suficiente; 4 = bom; 5 = ótimo.

um senso de contemporaneidade que nos faça ouvir suas palavras. Há diferentes tipos de avaliação: a avaliação crítica não é o mesmo que a avaliação de um professor escolar.

Sim, o crítico não é professor. Nesse papel, ele seria ingênuo e ridículo, pois não têm alunos. Não se espera dele aulas ou notas, mas capacidade de reagir, capacidade de discernir os elementos da forma necessária, e não do ponto de vista de uma teoria abstrata de certas normas, mas pelo senso concreto da contemporaneidade como uma época. O crítico deve ser uma espécie de historiador, mas que observa o presente não pelo prisma do passado, nem pelo prisma do *tempo*, mas a partir da atualidade como tal.

Na história, o tempo, em geral, não significa nada. Entender uma época significa entender a dinâmica de seus acontecimentos; o tempo não tem nada a ver com isso. A crítica se distingue da história da literatura apenas no sentido de que as emoções estão direcionadas para o reconhecimento do que está em formação diante de seus olhos, mas que ainda não se constitui completamente. Captar nesse processo de formação dos indícios daquilo que, no futuro, se revelará a “história da literatura” é a função principal do crítico.

Como podem ver, isso já não está tão longe da ciência. Não existe história livre de paixões e julgamentos. O historiador é, inclusive, obrigado a avaliar os fatos, do contrário ele sequer terá fatos, pois a realidade mesma, por si só, é inesgotável. Tudo se resume, justamente, a que, na atual situação, a crítica deve se aproximar da ciência. A ciência literária saiu da lamentável posição de lacaia de outras ciências e se aproximou dos problemas que dizem respeito tanto ao passado quanto ao futuro. Com isso, é superada a distância que antes separava o cientista acadêmico do crítico tagarela. O período da crítica “do leitor” acabou: são necessários profissionais autorizados, aos quais possam recorrer também os escritores, cuja ardente paixão é menos a invenção do que a descoberta da forma necessária, pois ela é oculta pela história.

A crítica é necessária, e ela existirá. Mas para isso, devem existir revistas, e não algumas compilações, as quais também devem existir em nossa época. A revista é um tipo especial de forma que tem sua história, suas leis. Mas penso que sobre isso Viktor Chklóvski ou Iu. Van-Vezen⁵ escreverão em algum momento, aos quais passo a pena.

⁵ Viktor Borísovitch Chklóvski (1893-1984) e Iu. Van-Vezen, pseudônimo de Iuri Nikoláievitch Tyniánov (1894-1943). Exponentes do Formalismo russo, ao lado de Boris Eikhenbaum, Óssip Brik e Boris Kuchner, formaram a Sociedade para o Estudo da Língua Poética, que ficou conhecida pelo acrônimo russo OPOIAZ. Esta sociedade e o Círculo Linguístico de Moscou foram responsáveis pela constituição da chamada Escola Formal dos Estudos Literários.